

DF -

Cruzeiro faz 35 anos e mostra toda a sua história em exposição

No fim da década de 50, Cemitério era um pacato lugarejo com meia dúzia de casas à beira de uma pista de pouso de aviões improvisada. Cemitério cresceu e virou Gavião.

Hoje, Gavião se tornou o que conhecemos: Cruzeiro. A satélite completa 35 anos no dia 30 de novembro e estas e outras histórias estão registradas através de fotos, troféus e documentos na Primeira Exposição da Memória do Cruzeiro.

A I Expomecruz será aberta ao público hoje às 20h no hall da Rodoferroviária e permanece até o dia 23. Ela marca o início das comemorações dos 35 anos de história da cidade.

O material faz parte do acervo da Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro, a Aruc, primeira escola de samba de Brasília.

Festa — A programação vai até 2 de dezembro. Além da I Expomecruz, a cidade terá torneios de futebol, bailes, desfile cívico-militar e um concurso de beleza, onde será escolhida a garota Cruzeiro.

Aos 35 anos, a satélite já é uma cidade adulta, com 60 mil habitantes. Em 1987 passou a ter administração própria. Na data do aniversário, 30 de novembro, a cidade descobre que não é fácil crescer.

A XI Região Administrativa

abrange hoje o Cruzeiro Novo e o Velho, a Octogonal e o Setor Sudoeste.

Com a maior densidade populacional do DF, sete habitantes por quilômetro quadrado, o Cruzeiro vai receber mais 20 mil habitantes com a ocupação do Sudoeste.

Os ônibus andam lotados e demoram a passar. "Esta é a principal reclamação dos moradores", diz João Roberto Castilho.

Mudanças — Para Dona Nadir Ribeiro uma das mais antigas "cruzeirenses", muita coisa mudou desde a época em que a cidade era chamada de Gavião. Ela acha que as casas do Cruzeiro Velho andam abandonadas em função das novas áreas residenciais.

A própria sede da administração, no Cruzeiro Velho, ameaçou desabar. As paredes racharam e as fundações estão comprometidas. Ela está funcionando provisoriamente no lugar do antigo restaurante Palheta no segundo piso da Rodoferroviária.

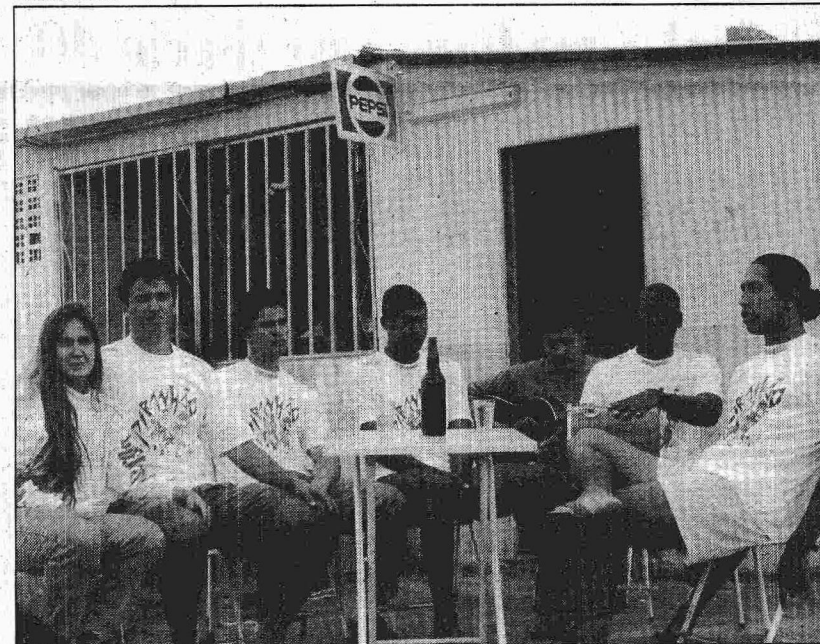
Em meio aos problemas, uma virtude. O Cruzeiro é uma cidade calma. Segundo a delegada Suzana Machado, da 3ª Delegacia de Polícia, "comparando com outras delegacias, aqui é tranquilo." A maior parte das ocorrências hoje é de brigas entre marido e mulher.

Adauto Cruz



A "cruzeirense" Nadir Ribeiro reclama: o Cruzeiro Velho está abandonado

Adauto Cruz



As galeras têm ponto certo nos bares e se reúnem no fim do ano no Piranhão

A galera vira gente grande

Na adolescência, eles aprontaram muito pelas ruas da cidade. As galeras do Cruzeiro ficaram conhecidas pelas brigas e confusões em festas e bailes.

Mas eles cresceram. A necessidade de trabalhar e buscar o sustento, mudou a cabeça desse pessoal.

A antiga richa entre os grupos rivais saiu das ruas e foi parar nas quadras de vôlei e futebol.

A galera da quadra oito, por exemplo, promove, todo fim de ano, um divertido torneio entre os times do Cruzeiro. É o Piranhão.

Os homens se vestem de mulher e soltam a franga atrás da bola. O prêmio é dado na moeda corrente adotada entre o grupo: cerveja.

A maior parte deles está trabalhando ou estudando para conseguir

um emprego público ou uma vaga na universidade.

Bem sucedido - Elísio Almeida é o empresário de sucesso da turma. Montou uma loja de camisetas e silk-screen. Hoje faz trabalhos para colégios como o Objetivo de Brasília. É ele quem faz as camisetas do Piranhão.

Apesar de o desemprego entre os jovens ser muito grande na cidade, eles se viram como podem.

Delmo dos Santos, por exemplo, é percussionista da banda Levada Axé que abriu os shows da banda Timbalada (grupo da Bahia) que esteve várias vezes em Brasília.

Segundo eles, o jeito cruzeirense de ser tem muito do carioca. Eles gostam de pagode e da música baiana, cerveja e "malhação".